



Número de aulas cria abismo entre escolas particulares e públicas

Enquanto numa escola particular da Zona Sul, como o Santo Inácio, alunos do 3º ano do ensino médio assistem a sete aulas de matemática por semana, os de um colégio público da Zona Norte, como a Escola Estadual Vinícius de Moraes, têm só quatro. No Colégio São Bento, são quatro tempos de história contra a metade na rede pública. A desigualdade cresce nas escolas técnicas, como o Instituto de Educação, na Tijuca, cujo currículo do último ano ainda não tem geografia, história, biologia, física e química.

Rafael Eller Araújo, aluno do curso seqüencial de magistério e funcionário do Instituto de Educação, não se amedronta com a falta de informação: ele tentará uma vaga para medicina, a carreira mais disputada. Para estudar, usa xerox, livros emprestados e freqüenta o cursinho noturno da instituição:

- Não tenho chances de passar, mas vou tentar porque a gente não pode perder o sonho.

A normalista Mônica Ventura não sonha tanto: vai tentar uma vaga em administração, por causa do mercado de trabalho. Por não ter recursos e precisar estagiar, ela estuda aos sábados num pré-vestibular para carentes. Como a maioria dos alunos da rede pública, Mônica não tem acesso a computadores e nunca navegou na Internet:

- Temos que nos virar. É preciso ter muita garra.

O professor de biologia Luiz Leal Ferraz conhece bem os dois lados da moeda. De dia, ele é coordenador do ensino médio do Colégio São Bento, o primeiro no ranking do vestibular da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), e à noite dá aulas no Projeto Êxito, um cursinho filantrópico para vestibulandos na Rocinha.

- A bagagem que eles trazem é tão insuficiente que um ano não é o bastante para prepará-los - afirma.

Ferraz lamenta que muitos excelentes alunos da rede pública sejam prejudicados pela preparação desigual. O subsecretário adjunto de infra-estrutura da Secretaria estadual de Educação, Mário Rodrigues, reconhece as dificuldades dos alunos da rede pública:

- O nosso aluno não tem condições de competir em pé de igualdade com estudantes de escolas particulares.

Mário Rodrigues adianta, porém, que a proposta da secretaria para o próximo ano é aumentar a carga horária dos professores, de 16 para 30 ou 40 horas semanais, e o valor pago pela hora-aula, atualmente em R\$ 6. Medidas que levarão ao aumento da grade curricular.

- Para os vestibulandos, planejamos implantar aulas também no fim de semana.

O subsecretário afirma que foram contratados, no atual

Mais informações:

[Dois irmãos na luta por uma vaga](#)

[Como está o ensino](#)

[Garra, a principal arma](#)

Governo, 3.674 professores - o suficiente, na sua opinião, para atender às escolas. Em algumas cidades, porém, faltam ainda professores de física, química e matemática e as aulas são dadas por estagiários.

[Alto] [Volta]

© Todos os direitos reservados a O Globo e Agência O Globo.